

Figueiredo, criando condições para a renegociação.

Apesar do protesto oficial contra a elevação dos juros nos Estados Unidos, só o sucessor do presidente Figueiredo deverá renegociar a dívida externa em condições mais favoráveis. A afirmação foi feita ontem em Brasília pelo empresário Mário Garnero. Ao mesmo tempo, o diretor da área Externa do Banco Central, José Carlos Madeira Serrano, lamentava que o FMI não possa intervir na política econômica dos Estados Unidos, como faz com o Brasil, para controlar o déficit do Tesouro norte-americano (o maior do mundo, de US\$ 200 bilhões), impedindo que os juros continuem subindo.

Após audiência no Palácio do Planalto, Mário Garnero, presidente do Brasilinvest, disse que Figueiredo está "criando condições" para que uma renegociação mais ampla possa acontecer. Mas não explicou como isso está sendo feito ou por que o presidente não começa as negociações imediatamente. Ou seja, por que o País terá de esperar os 309 dias que ainda faltam para o término do mandato do general, a 15 de março de 1985, para só então resolver um problema que está provocando inflação e impedindo a reativação da economia.

De acordo com Garnero, Figueiredo acha que, se houver novo aumento dos juros internacionais, isto o obrigará a alterar todos os planos do governo, uma vez que os juros já estão em nível insuportável. Na terça-feira, a prime rate (juros cobrados pelos bancos norte-americanos de seus melhores clientes) registrou o terceiro aumento em seis semanas, alcançando 12,5%. Garnero prevê que poderá chegar de 14 a 15% até dezembro.

Por sua vez, Madeira Serrano, acompanhando o novo tom das declarações oficiais sobre o problema, advertiu que "os juros não

podem subir e estão subindo", o que representa "um problema sério e exige solução imediata".

Sugeriu que os devedores poderiam ter "uma conversa séria" para quebrar "a insensibilidade" do governo Reagan, refletida no aumento dos juros e também no voto escudado no Congresso às subscrições de cotas do FMI, do Banco Mundial, do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID).

Segundo o diretor do Banco Central, "é abominável a idéia de que cada vez o Brasil tenha que produzir mais, exportar mais para cada vez pagar mais juros". Lembrou que o próprio comitê interino do FMI reconheceu em sua reunião de abril último que "a escalada dos juros vai comprometer todo programa de ajustamento de todos os países em desenvolvimento".

Para ganhar fôlego e evitar que a alta dos juros agrave a recessão, Madeira Serrano disse que o Brasil deve tirar proveito da abertura do FED e dos próprios bancos internacionais para a capitalização dos juros. Em sua opinião, a capitalização dos juros constitui "fato normal em um mercado anormal", como alternativa para evitar o colapso das economias dos países devedores. "Este problema de os juros inviabilizarem o ajuste das economias dos países em desenvolvimento está esquentando o pé de todo mundo e o Brasil deve mobilizar todas suas forças internas — políticas, diplomáticas e econômicas — para obter lá fora margem mais ampla para o seu desenvolvimento".

Ontem, a Abiplast (Associação Brasileira da Indústria do Plástico) divulgou telex enviado ao presidente da República e ao chanceler Saraiva Guerreiro, apoiando o protesto contra os juros altos.